

Perfil Empreendedor do Graduando em Biotecnologia: uma revisão integrativa

Entrepreneurial Profile of the Undergraduate in Biotechnology: an integrative review

Haroldo Ferreira Araujo¹

Marcio Luiz dos Santos²

Resumo: As instituições de ensino e centros de pesquisa são importantes atores no processo de inovação, agindo na formação de mão-de-obra, assim como, no desenvolvimento conjunto com empresas e instituições. No Brasil, tais processos ainda são elementares, embora tenhamos ferramentas importantes para incentivar a inovação tecnológica. A metodologia adotada neste estudo trata-se de uma revisão integrativa que nos permite aproximação da luz do problema de pesquisa a ser apreciado, analisando o panorama de produção científica, conhecendo a evolução do tema ao longo do tempo e assim visualizar possíveis oportunidades de pesquisa nos estudos organizacionais. O estudo contribui para o mapeamento deste ambiente inovador da universidade e sugere que outros estudos aprofundados sejam realizados.

Palavras-chave: Perfil; Empreendedorismo; Biotecnologia.

Abstract: Educational institutions and research centers are important actors in the innovation process, acting in the training of labor, as well as in joint development with companies and institutions. In Brazil, such processes are still elementary, although we have important tools to encourage technological innovation. The methodology adopted in this study is an integrative review that allows us to approach the light of the research problem to be appreciated, analyzing the panorama of scientific production, knowing the evolution of the theme over time and thus visualizing possible research opportunities in the organizational studies. The study contributes to the mapping of this innovative university environment and suggests that further in-depth studies be carried out.

Keywords: Profile; Entrepreneurship; Biotechnology.

¹ Enfermeiro Graduado pela Universidade Norte do Paraná, Mestre pela Universidade de Guarulhos. Professor na Faculdade Anhanguera Educacional. E-mail: haroldoferreiraaraujo@gmail.com.

² Químico Graduado pela Universidade Federal de São Carlos, Mestrado e Doutorado pelo Instituto de Química da UNESP. Professor na Faculdade Anhanguera Educacional. E-mail: marcio.l.santos@educadores.net.br

Introdução

As universidades têm como característica a indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, constituindo instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão, de domínio e cultivo do saber humano (REIS, 2019).

Segundo Reis (2019) o empreendedorismo pode ser entendido como a arte de fazer acontecer com criatividade e motivação, e consiste no prazer de alcançar com sinergismo e inovação qualquer projeto pessoal ou organizacional, desafiando permanentemente às oportunidades e riscos, adotando um comportamento proativo frente às questões que precisam ser resolvidas.

O investimento e a priorização do empreendedorismo no ensino superior brasileiro não é algo invariável entre instituições, ficando o aluno sujeito à sua escola. (MILLER; MELHADO, 2016)

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) aborda uma importante diretriz que permeia o ensino superior dentro das universidades brasileiras o tripé constituído pelo ensino, pesquisa e extensão, e sua indissociabilidade. (REIS, 2019)

Ao se pesquisar sobre o ensino de empreendedorismo e suas várias facetas, percebe-se que o papel das instituições de ensino no fomento ao empreendedorismo não é singular, estando atrelado a diferentes abordagens e espaços nem sempre percebidos como parte de um contexto voltado ao ensino de uma temática que ainda carece da definição de objetivos claros que norteiam respostas no que tange ao entendimento do porquê se ensinar, o que o aluno fará com esse aprendizado e como se ensinar. Nesse ponto, focalizam-se vários aspectos, como métodos de ensino, didáticas e se a disciplina e a sala de aula seriam necessárias ou suficientes para o aprendizado deste saber. (KRAKAUER et al., 2020)

Para Miller e Melhado (2016) ao redor do mundo, centenas de instituições de ensino de nível superior já reconheceram o papel e o poder da educação empreendedora sobre a inovação e o desenvolvimento econômico dos países.

Conforme escreveu Reis (2019) existem várias maneiras, na literatura, de classificar os empreendedores, e/ou empreendedorismo, e duas delas, de

modo especial, chamam a atenção: a classificação pela motivação inicial, que divide em empreendedorismo por necessidade ou por oportunidade; e a classificação pelo objeto onde temos o empreendedorismo corporativo, o social e o de negócios.

Os empreendedores por necessidade escolhem empreender por não possuir melhores opções de emprego, propondo-se a criar um negócio com geração de rendimentos, que visa, basicamente, a sua subsistência e de seus familiares. No que se refere aos empreendedores por oportunidade, são definidos como capazes de identificar uma chance de negócio ou um nicho de mercado, empreendendo mesmo tendo alternativas concorrentes de emprego e renda. (REIS, 2019)

Segundo Souza (2019) a inovação, ligada à pesquisa e ao desenvolvimento, se dá, no Brasil, basicamente pelas universidades, centros de pesquisa e desenvolvimento de ciência. Porém, devido a importância para o desenvolvimento do país, os investimentos em ciência e tecnologia foram iniciados de forma mais tardia em relação a países considerados altamente inovadores como Estados Unidos e Japão, o que culminou em baixos níveis de indicadores de inovação para o Brasil, na pesquisa o processo tardio de investimento se repete e colaborou para que o nosso país apresentasse baixos valores nos indicadores de inovação. O Relatório Global de Índice de Inovação 2018, por exemplo, classificou o Brasil na 64ª posição, alguns pontos distantes da média Global e de países da América do Sul e Caribe: como Chile, México e Costa Rica, com base nisso, a solidificação do tripé das universidades, é atribuído à extensão a função de possibilitar a interação Universidade/Sociedade no que tange a inovação e seus benefícios, promovendo o permanente equacionamento dos diversos problemas apresentados pela população, versando sobre questões sociais do país e das demandas colocadas pelas comunidades regionais e locais (REIS, 2019).

Atividades distintas de educação empreendedora são fundamentais para desenvolver aptidões no aluno, permitir o ensino prático (que, por vezes, não são inviáveis em sala de aula) e integrá-lo com outros alunos, de cursos diferentes, estimulando a interdisciplinaridade. Diferentes tipos de iniciativas foram divididas em três categorias: pesquisa, eventos e programas extracurri-

culares. Por fim, programas extracurriculares e infraestrutura são espaços e programas de criação, inovação, motivação e apoio ao empreendedor. Neles estão incluídos parques tecnológicos, incubadoras e aceleradoras, serviços de incentivo ao negócio, mentorias, laboratórios de empreendedorismo e/ou inovação/criatividade, entre outros. (MILLER; MELHADO, 2016).

O principal foco das universidades e centros de pesquisa (i.e. os produtores de ciência no Brasil) é gerar conhecimento na forma de publicações científicas. De fato, em 2015, tais publicações superaram o número de 63 mil. Contudo, apenas a minoria corresponde a coautorias com o setor industrial, ressaltando a baixa interação entre universidade e indústria. Todos esses fatores combinados demonstram a limitação do país na geração de inovação em relação a países altamente inovadores. (SOUZA, 2019)

Segundo Miller e Melhado (2016) a institucionalização de iniciativas de empreendedorismo é essencial às universidades, especialmente àquelas que não possuem um plano estratégico ou priorizam a implantação de um programa de empreendedorismo. Isso porque, muitas vezes, programas extraordinários começam através da proatividade de um professor ou de um grupo de alunos, e se tornam dependentes da continuidade desses fundadores na instituição, sendo descontínuas caso eles se aposentem ou se formem, por exemplo, tornando-se um desperdício de toda a dedicação empregada até ali.

Deste modo, é notória a importância de uma relação cíclica e efetiva entre universidades, indústrias e investidores para o progresso dos indicadores de inovação. Quando essas parcerias e cooperações ocorrem entre universidade, governo e indústrias, denomina-se dinâmica de interação institucional de “hélice tríplice”. (SOUZA, 2019)

Faz-se necessário estabelecer estratégias para multiplicar o número de universitários que criam empresas inovadoras e transformam os setores de atuação gerando milhares de empregos no caminho. (MILLER; MELHADO, 2016)

De acordo com Souza (2019), diante desse cenário, em 2008, foi criado o programa de Institutos Nacionais de Ciência, coordenado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, que ancora recursos orçamentários ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCT). Tais institutos, denominados de INCTs, são projetos em rede comandados por grupos de

pesquisa de ponta no país e coordenados operacionalmente pelo CNPq. Contudo, contam com a parceria da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/MEC), das Fundações de Amparo à Pesquisa do Amazonas (Fapeam), do Pará (Fapespa), de São Paulo (Fapesp), de Minas Gerais (Fapemig), do Rio de Janeiro (Faperj) e de Santa Catarina (Fapesc), assim também do Ministério da Saúde e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A função da universidade no processo de transferência tecnológica é fundamental, pois têm origem as instituições e programas de suporte aos empreendedores e a seus empreendimentos. Algumas dessas instituições são os Núcleos de Inovação e Transferência Tecnológica (NITs), que atuam desde a proteção da tecnologia até a vinculação dos empreendedores e pesquisadores com indústrias no que tange aos programas, podem ser compostos de disciplinas acadêmicas, eventos ou *workshops* de empreendedorismo com foco no fomento de uma cultura empreendedora na academia. Visam desta forma, à transformação dos inventores das tecnologias empreendedoras utilizando o incremento de habilidades empreendedoras, para que, por conseguinte, desenvolvam-se novas *spin-offs* acadêmicas. (SOUZA, 2019)

Para Reis (2019), o empreendedorismo classifica-se de diferentes maneiras ou para qual finalidade, o valor está sendo gerado. Dentro das classificações relacionadas ao empreendedorismo, o empreendedorismo social se mostra como um novo modelo para a intervenção social, proporcionando um novo olhar e leitura da relação e conexão entre os vários atores e segmentos da sociedade, definindo-se como: “uma ação inovadora voltada para o campo social cujo processo tem início com a observação de determinada situação problema local, para a qual se busca, em seguida, formar uma opção de enfrentamento”.

A caracterização do empreendedorismo como um fenômeno que agrega uma visão integrada de várias perspectivas – social, psicológica, econômica e de gestão – e não apenas relacionada à abertura de uma empresa, faz com que o entendimento do ensino da temática tenha outro viés. Nele, questões relacionadas ao comportamento empreendedor, como avaliação de risco, desenvolvimento de projetos, busca do novo e de oportunidades, podem passar a ter destaque. (KRAKAUER et al., 2020)

Segundo Krakauer et al, (2020), atributos ou traços comportamentais como comunicar-se com facilidade e demonstrar foco articulando com visões conflitantes, são cruciais na construção do perfil comportamental de cada um, ou seja, representam um padrão que mostra obras repetitivas de determinado indivíduo, tanto na vida pessoal, como na organizacional, e representam preferências naturais de um sujeito ao agir. Estes comportamentos, podem ser aprendidos, desenvolvidos ou aprimorados, indo ao encontro da educação empreendedora no que tange ao entendimento de ser a mesma um processo, em busca de estímulo a um pensar e um agir empreendedor.

As universidades são, por essência, instituições de geração, gestão, disseminação e aplicação do conhecimento e colaboram para novos modelos mentais, culturais e propostas de valor, que acumulam as incumbências de ensino, pesquisa, desenvolvimento econômico e social do seu entorno. (CAMPOS; SOUZA; FREIRE, 2017)

De acordo com Miller e Melhado (2016) as universidades são agentes-chave nas economias locais: por vezes, são a principal instituição da região, espaços de desenvolvimento e criação técnica de alta qualidade. Elas também são agentes de recuperação econômica – fornecendo novos talentos, negócios/empreendedores e tecnologias. Por isso, é preciso que sejam mais conectadas à comunidade, para poder servi-la melhor, gerando mais empregos, melhores pessoas e inovação. Isso gera um ciclo virtuoso de riqueza regional, que retorna para a universidade por meio de investimentos e projetos/tecnologias mais complexas.

A relevância do papel da universidade para o ensino de empreendedorismo foi destacada em trabalhos anteriores, porém, recentemente, passou a ser considerada emergente a análise sobre o que ensinar no que concerne ao empreendedorismo, seja para propor e testar métodos, seja para abranger a disciplina e seus currículos. No cenário contemporâneo do empreendedorismo, a disciplina parece não ser suficiente para o aprendizado, porém permanece sendo importante como meio para a formalização de um conhecimento, sendo a sala de aula entendida como um ambiente tradicional, fundamental, “onde os estudantes são expostos sistematicamente aos aprendizados preexistentes e relevantes para a carreira de escolha”, sem excluir a existência de

outros, tais como laboratórios e incubadoras, que estão voltadas ao desenvolvimento de processos que possam transformar ideias em soluções para a sociedade. (KRAKAUER et al., 2020)

É preciso entender como o ensino superior incentiva seus estudantes a serem empreendedores, como prepara melhor os professores e agentes universitários para esse desafio, e quais tipos de ações são hoje tomadas nesse sentido. Depois disso, é possível traçar uma análise preliminar da situação e, com base em exemplos nacionais e internacionais, e conversas com especialistas, começar a traçar um plano para modificar essa situação. (MILLER; MELHADO, 2016)

Proporcionar atividades diversas de educação empreendedora é essencial para desenvolver competências no aluno, permitir o ensino prático (que por vezes não são possíveis em sala de aula) e integrá-lo com alunos, de diferentes cursos, estimulando a interdisciplinaridade. Diferentes tipos de ações foram divididas em três categorias: pesquisa, eventos e programas extracurriculares. Desse modo, os eventos têm o principal objetivo de conectar o aluno ao ecossistema empreendedor ou criar espaços transitórios de suporte ao aluno com esse perfil, como feiras de empreendedorismo, rodas de conversa com empreendedores, competições de ideia de negócio, planos de negócio ou competições de pitch. Por fim, programas extracurriculares e infraestrutura são espaços e programas de criação, inovação, motivação e suporte ao empreendedor. (MILLER; MELHADO, 2016)

Segundo Miller e Melhado (2016) é intuitivo que uma universidade com viés empreendedor direcione parte da sua área de pesquisa para o assunto, oferecendo bolsas para pesquisadores, infraestrutura e professores engajados com o empreendedorismo, comportamento empreendedor, entre outros. É preciso que a universidade organize um programa estruturado e institucionalizado de empreendedorismo, com iniciativas diversificadas que consigam proporcionar apoio ao aluno, independentemente da sua relação com o assunto. A visão de priorização do empreendedorismo no ensino superior brasileiro não é algo uniforme ainda entre instituições, e o aluno fica sujeito à sua escola.

Tendo em vista a necessidade do aprofundamento no assunto, esta pesquisa objetiva descrever as principais características do perfil do Graduand

do em Biotecnologia com fomento no Empreendedorismo, caracterizar o perfil do graduando empreendedor no Brasil e Mercosul e evidenciar o percentual de graduandos ingressos Empreendedores inato *versus* os ingressos não empreendedores, para tanto, a metodologia adotada neste estudo trata-se de uma revisão integrativa que nos permite enquanto pesquisador aproximar da luz do problema de pesquisa a ser apreciado, analisando o panorama de produção científica, conhecendo a evolução do tema ao longo do tempo e assim visualizar possíveis oportunidades de pesquisa nos estudos organizacionais.

A escolha do método de revisão integrativa da literatura, se deu, pois segundo Marconi e Lakatos (2018), caracteriza-se por uma coleta dos principais trabalhos científicos já publicados na literatura de forma a fornecer dados atuais e relevantes, relacionados ao tema e tem por propósito realizar uma dada síntese rigorosa de todas as pesquisas encontradas relacionadas a uma questão específica, um tema em estudo, é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permite incluir desde estudos experimentais, não-experimentais para melhor compreensão do fenômeno analisado pelo pesquisador.

Resultados e discussões

Para melhor compreensão e apreciação deste estudo e apresentação do material utilizado, segue tabela com a descrição e síntese dos artigos selecionados.

Nº	NOME DO ARTIGO	ANO	FONTE DA PUBLICAÇÃO	TIPO	SÍNTESE DOS ARTIGOS
01	A prática da formação de uma cultura acadêmica empreendedora: aprendizados acumulados a partir da experiência de um Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia	2019	UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais	Dissertação	Discorre acerca da criação de projeto de reestruturação de um Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT).
02	Promoção do empreendedorismo social e dos negócios de impacto social: uma contribuição para extensão universitária	2019	Universidade Federal de Alagoas	Dissertação	Trata-se de uma proposta de fortalecimento do conteúdo oferecido sobre empreendedorismo social e os negócios de impacto social por meio da própria extensão universitária.
03	Ensino de Empreendedorismo: discussão de espaços e proposta de ecossistema	2020	SADSJ – South American Development Society Journal	Artigo	Refere-se a apresentação dos espaços existentes para o ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras e a proposta de um desenho inicial de um ecossistema do ensino empreendedor, com vistas a que pesquisas futuras possam testá-lo e aprimorá-lo.

Tabela 1 - Descrição e síntese dos artigos selecionados

04	Levantamento de infraestrutura laboratorial de pesquisas científicas ligadas à Biotecnologia da Universidade Federal do Ceará com vistas à interação academia-empresa	2019	Universidade Federal do Ceará	Monografia	Propôs a análise de um grupo de laboratórios de Biotecnologia de determinada Universidade do Ceará para a construção de uma cultura empreendedora e inovadora entre docentes, discentes, servidores e outros apoiadores desta Instituição.
05	Universidade e empreendedorismo: estudo baseado nos esforços promovidos pela Universidade de Brasília	2019	UnB – Universidade de Brasília	Dissertação	Objetivou analisar um grupo de egressos de determinada Universidade com o intuito de verificar a atuação dos mesmos no mercado empreendedor.
06	Viagem ao mundo do empreendedorismo	2005	IEA – Instituto de Estudos Avançados	Livro	A nova versão desta obra visa contribuir ainda mais na compreensão do processo empreendedor, fator que representa uma contribuição inegável na renovação do tecido empresarial, na criação de empregos e na difusão dos avanços tecnológicos, contribuindo para o bem-estar social e econômico.
07	Um modelo de conhecimento para empreendimentos criados por egressos de universidades brasileiras	2018	Universidade Federal de Santa Catarina	Dissertação	Propõe desenvolver um modelo de conhecimento para mapear empreendimentos criados por egressos de universidades brasileiras.
08	Empreendedorismo nas universidades brasileiras	2016	SEBRAE	Livro	Visa propor estratégias para multiplicar o número de universitários que criam empresas inovadoras e transformam os setores em que atuam, gerando milhares de empregos no caminho.
09	Faces do empreendedorismo inovador	2008	FIEP – Federação das Indústrias do Paraná	Livro	Propõe a discussão de assuntos relacionados à criatividade, inovação, empreendedorismo e propriedade intelectual, de forma a contribuir para o aprimoramento da educação profissional e para a competitividade sustentável da indústria.
10	Jovens empresários empreendedores: valores, crenças e relação com o trabalho	2016	FIRJAM – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro	Livro	Trata da investigação de temas como motivação para essa geração se tornar empreendedora, o comportamento frente aos desafios empresariais, a relação com as entidades associativas. Foi realizado também um comparativo entre jovens empreendedores brasileiros e suas similaridades e diferenças com jovens empresários empreendedores de outras nacionalidades.
11	Educação em empreendedorismo: o que podemos aprender dos exemplos brasileiros e finlandeses	2018	RIAEE – Revista Ibero-Americana de estudos em Educação	Artigo	Discute brevemente o conceito de educação para o empreendedorismo, com foco nos fatores que aumentam as intenções do empreendedorismo, por exemplo, dimensões cognitiva, conativa e afetiva da personalidade.
12	Compartilhamento do conhecimento em University Coworking Spaces: modelo, ações e contribuições para o desenvolvimento de Startups – ciclo 2015 do Laboratório de Inovação e Empreendedorismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – ILAB - UNISUL	2017	UNISUL	Capítulo de Livro	Tratou da identificação do modelo de compartilhamento de conhecimento do iLAB-UNISUL, as ações de compartilhamento do conhecimento realizadas e a apresentação das contribuições para o desenvolvimento das startups.
13	Expandindo a mensuração da intenção empreendedora	2018	R. Adm. FACES Journal Belo Horizonte	Artigo	Aborda a Teoria do Comportamento Planejado (TCP) como uma teoria de base para a intenção empreendedora (IE).

Fonte: Os Autores (2022).

Principais características do graduando em biotecnologia com perfil empreendedor

Segundo Aguiar (2018) empreender é a capacidade de um indivíduo assumir riscos e criar novas oportunidades de gerar riqueza. A nova era do empreendedorismo se diferencia pela expansão de economias baseadas no conhecimento, onde pode-se observar a expansão do comércio mundial, a valorização e o investimento no capital internacional e nas cadeias de logísticas intercontinentais. Em concordância com esta afirmativa os autores 6,7,8,10 e 11 ressaltam como característica do empreendedor a coragem para assumir riscos.

O empreendedorismo não é exclusivamente uma decisão de carreira, motivada por fatores conjunturais e de mercado. Ela reflete uma visão de mundo singular, que em muitos aspectos distancia os empreendedores da própria geração. De um modo, tão importante quanto compreender quais valores mais representam os jovens empreendedores brasileiros – que possuem seu próprio negócio – é identificar de que maneira eles se distinguem daqueles que não empreendem. (SENAI/SESI/IEL, 2016).

De acordo com Lucena (2019) o conhecimento tecnológico foi por um longo período obtido e acumulado de modo empírico e simples, sem nenhum embasamento científico, e os autores 3, 8, 10 e 13 concordam com a afirmativa. Naturalmente, o conhecimento científico poderia ter acelerado grandemente a aquisição de tal conhecimento, mas, historicamente, grandes quantidades de conhecimento foram agrupadas e exploradas dessa forma e essa tendência permanece na atualidade.

Para obter vantagem competitiva, as organizações procuram criar uma cultura de troca de conhecimento que está fundamentada na interação social efetiva por meio do compartilhamento de conhecimento entre indivíduos de forma coletiva ou organizacional, quando captura, organiza, reutiliza e transfere experiências baseadas em conhecimentos existentes. (CAMPOS; SOUZA; FREIRE, 2017)

Hoje em dia, observa-se que os vencedores no mercado mundial têm sido empreendedores que alcançam respostas precisas, rápidas e flexíveis,

inovação de produtos unidas com capacidades gerenciais para efetivamente coordenar e redefinir as demandas internas e externas. As capacidades de decisão e execução de tarefas estão evidentes também para os autores 6, 7, 9 e 10. A essa característica se dá o nome de capacidade dinâmica que gera para as empresas vantagens competitivas e quatro dos treze autores consultados ressaltam a importância dessa característica no indivíduo que deseja empreender. Essa é definitivamente a qualidade que os planejadores de políticas públicas desejariam encontrar difundida pela população empreendedora nacional. A realidade brasileira, entretanto, ainda evidencia indícios de que a maioria de seus empreendedores não se encontra nessa etapa de desenvolvimento da atividade econômica. (SENAI/SESI/IEL, 2016)

A inovação, enquanto resultado de conhecimento científico, é fruto de um trabalho constante que tem como origem a pesquisa básica para gerar novos conhecimentos. Ao compreender a tecnologia como uma consequência da ciência, porém, torna-se trivial essa percepção linear do processo de desenvolvimento e abriga diversas dinâmicas existentes ao longo da pesquisa. (LUCENA, 2019)

O entusiasmo criador para empreender tem uma função de grande importância para a cultura empreendedora da universidade, ao instigar os alunos a considerarem o empreendedorismo como carreira. (MILLER; MELHADO, 2016)

Para Lucena (2019) a inovação vem assumindo um significado amplo nos últimos anos. Além do desenvolvimento de novos produtos nas empresas, foi relacionada à criação de novos arranjos entre as esferas institucionais que promoveram as condições para inovação. A modificação e as inter-relações das esferas institucionais academia, indústria e governo, passaram a moldar a dinâmica da inovação para o desenvolvimento regional. Reforçando este ponto de vista 11 dos 13 autores pesquisados para a elaboração deste estudo concordam que a inovação é uma importante característica do graduando que pretende empreender.

Um passo fundamental para desenvolver mais e melhores empreendedores é aproximar as universidades do mercado, dos empreendedores e da comunidade em geral. Isso fará com que as instituições desenvolvam ações

que estejam mais alinhadas com a demanda dos universitários e do mercado. (MILLER; MELHADO, 2016)

O aspecto *high-tech* e multitarefa, não os impede de se conectarem com o meio ambiente e com as causas sociais: quando comparados com aqueles que não empreendem, os jovens empresários exibem maior desejo de mudar o mundo, maior preocupação com causas ambientais e, sobretudo, adotam mais ações práticas de cunho social, como auxiliar entidades assistenciais e doar sangue do que os demais jovens de sua geração. (SENAI/SESI/IEL, 2016)

Diante de um contexto altamente dinâmico, as universidades exercem um papel central na geração de conhecimento com impacto na economia. Através de formação de mão de obra qualificada ou por meio do fluxo de informações, conhecimentos, ideias e tecnologias derivadas de pesquisas básicas e aplicadas, as instituições de ensino foram consideradas um dos atores principais do ecossistema de inovação. (LUCENA,2019)

No que tange às relações com o trabalho, os jovens empreendedores se destacam pelo maior gosto pela liderança e por cultivarem uma boa rede de contatos profissionais (*networking*) – nesse último caso, o diferencial entre jovens empreendedores e não empreendedores excedeu 20 pontos percentuais. O perfil inquieto dos jovens empreendedores é mais uma vez confirmado pela parcela significativa dos jovens empreendedores brasileiros que mantém uma busca constante por novas oportunidades profissionais, mesmo que estejam bem empregados e, tais evidências são ainda, reforçadas pelos autores 6,7,10 e 11. (SENAI/SESI/IEL, 2016)

Segundo Miller e Melhado (2016) o educando empreendedor possui mais experiências e está mais inserido no ecossistema de negócios que o potencial empreendedor. Este, por sua vez, tem mais contato com empreendedores do que quem não quer abrir um negócio. Além de mostrar a relevância de o aluno estar inserido no ambiente empreendedor, esse dado enaltece a importância da instituição de ensino em estimular essas experiências. Inclusive, uma boa parcela dos alunos não empreendedores afirmou que não empreendem, pois nunca pensaram profundamente no assunto. Os dados analisados sugerem que, talvez, seja em uma dessas experiências que o aluno pen-

se sobre o assunto pela primeira vez e considere a prática como uma alternativa de carreira e de vida.

Segundo Guimarães (2019), a performance inovadora das atividades empreendedoras está intimamente ligada ao investimento em network e dinamicamente configurado em relações entre várias organizações da sociedade, através dos quais ocorrem a difusão do conhecimento. Empreendimentos universitários se aplicam nos setores tradicionais da economia e eles são, em sua maioria, do comércio varejista e prestação de serviços. Essa distribuição setorial é muito similar à distribuição no país, em que esses setores representam também cerca de 70% da distribuição nacional. Para os autores dos artigos 01 e 05 de fato, a busca por apoio financeiro para projetos de inovação empreendedora é uma característica do graduando com este perfil.

A inovação é um sinal positivo, contudo, precisa ser considerado de maneira mais abrangente, pois, o contexto geral evidencia um grande caminho a ser percorrido para que o potencial empreendedor da população brasileira reflita verdadeiramente aquele prometido pela atividade empreendedora inovadora. Para isso, três elementos serão destacados em relação a essa atividade no Brasil. O primeiro é a percepção do empreendedor em relação ao conhecimento de seus potenciais consumidores sobre o produto que irá oferecer. O segundo elemento é o grau de concorrência do mercado em que irá atuar. Por fim, a idade da tecnologia usada no empreendimento é destacada para compreender a realidade tecnológica preponderante na atualidade no país. Ao se considerar essas três dimensões, que caracterizam o nível de inovação da atividade empreendedora total da sociedade brasileira, pode-se notar que o país se encontra muito aquém de seu potencial. (CRISTÓFOLI, et al, 2008)

Segundo Souza, et al (2017) as crenças de controle têm influência no controle comportamental percebido que, por sua vez, reflete na intenção e comportamento, todavia entre intenção e comportamento há um controle de comportamento real.

A competência de atuar em redes interorganizacionais para competitividade é outro aspecto importante que caracteriza os empreendimentos inovadores. Em suma, as modificações das velhas noções não devem se limitar às

fronteiras da empresa e sim devem permear as relações com o mundo externo. (CRISTÓFOLI, et al, 2008)

Afastados geograficamente e, principalmente, culturalmente, os jovens empreendedores brasileiros e das outras cidades analisadas compartilham valores pessoais como a segurança, a perseverança e o desejo de mudar o mundo, assim como o elevado grau de organização e o apreço pela tecnologia e pela agilidade na execução das tarefas, e tais afirmações são defendidas pelos autores 1, 6, 7. As semelhanças, contudo, não vão muito além – a pesquisa revelou um diferencial médio de dez pontos percentuais entre as opções assinaladas entre os jovens empreendedores brasileiros e estrangeiros. (SENAI/SESI/IEL, 2016)

As condições socioeconômicas, nas quais os indivíduos desempenham seu potencial empreendedor, ainda representam fator limitante para o pleno exercício de sua aptidão inovadora. Portanto, o aprendizado como valor central na performance produtiva encontra-se modestamente difundido pela população empreendedora. (CRISTÓFOLI, et al, 2008)

De modo geral, os jovens empreendedores brasileiros se mostram menos individualistas do que seus pares internacionais. Não sentem tanta necessidade de ser o primeiro em tudo que fazem e demonstram mais preocupação com a ética e com questões do meio ambiente, e tais ideias são apoiadas pelos autores 1, 6, 7, 8 e 11 porém sabe-se que sócios são muito importantes para debater decisões e traçar estratégias para complementar as competências necessárias para a gestão do negócio entre si e, não somente o número de sócios, mas o tipo de sócio é essencial para gerar visões diferentes sobre os negócios e apoio recíproco entre eles. (SENAI/SESI/IEL, 2016)

A responsabilidade é um dos predicados mais presente nos empreendedores brasileiros, que em sua grande maioria declara ter metas e objetivos de vida bem definidos, contrastando com Nova Iorque e Londres. No Brasil, eles são menos impulsivos e mais delineados que no restante do mundo e poucos admitem viver o presente sem avaliar as consequências futuras, sendo Bombaim a cidade avaliada com perfil mais distante desse comportamento. Os determinantes da atitude pessoal, o controle comportamental entendido segue as crenças sobre as possíveis consequências do comportamento, so-

bre as expectativas normativas e sobre a presença de fatores que controlam o desempenho comportamental. Esse senso de responsabilidade também ganha destaque quando mais da metade dos jovens empreendedores brasileiros afirma preferir alcançar a independência financeira antes de deixar a casa dos pais, uma diferença de mais de 14 pontos percentuais frente à média das outras sete cidades analisadas e essas características são reafirmadas pelos autores 6, 7, 8 e 10. (SENAI/SESI/IEL, 2016)

Evidenciou-se uma percepção de que os desafios em empreender são maiores entre potenciais empreendedores do que entre os próprios empreendedores. Há indícios de que alunos que ainda não empreenderam têm percepção de desafios maior do que os empreendedores e, uma possível justificativa é que, como os potenciais empreendedores não tiveram a experiência e vivência como empreendedores, realizam um diagnóstico ambíguo da prática de empreender. Outra hipótese possível é a de que eles sejam menos confiantes do que os empreendedores e, por isso, ainda não abriram um negócio. De qualquer modo, essa percepção pode desmotivar potenciais empreendedores e é provavelmente, um dos motivos de parte deles nunca chegar a realizar seu desejo de abrir um negócio. O potencial empreendedor, assim, precisa enxergar que os desafios para empreender existem e que correr riscos é necessário e também uma etapa do processo de ter um negócio. Essa visão, no entanto, é mais clara quando se tem experiências práticas, algo que a universidade poderia oferecer com mais efetividade. (MILLER; MELHADO, 2016)

As universidades detêm os ativos do conhecimento, tais como professores, pesquisadores e estudantes, e o compartilhamento do conhecimento tanto no ensino, na pesquisa e no desenvolvimento econômico e social, cooperam para a geração de valor, receitas e novos conhecimentos. Agregando ações ao eixo ensino-pesquisa-extensão e os autores 2, 3, 8 e 12 concordam que esta seja uma das características do graduando empreendedor. (CAMPOS; SOUZA; FREIRE, 2017)

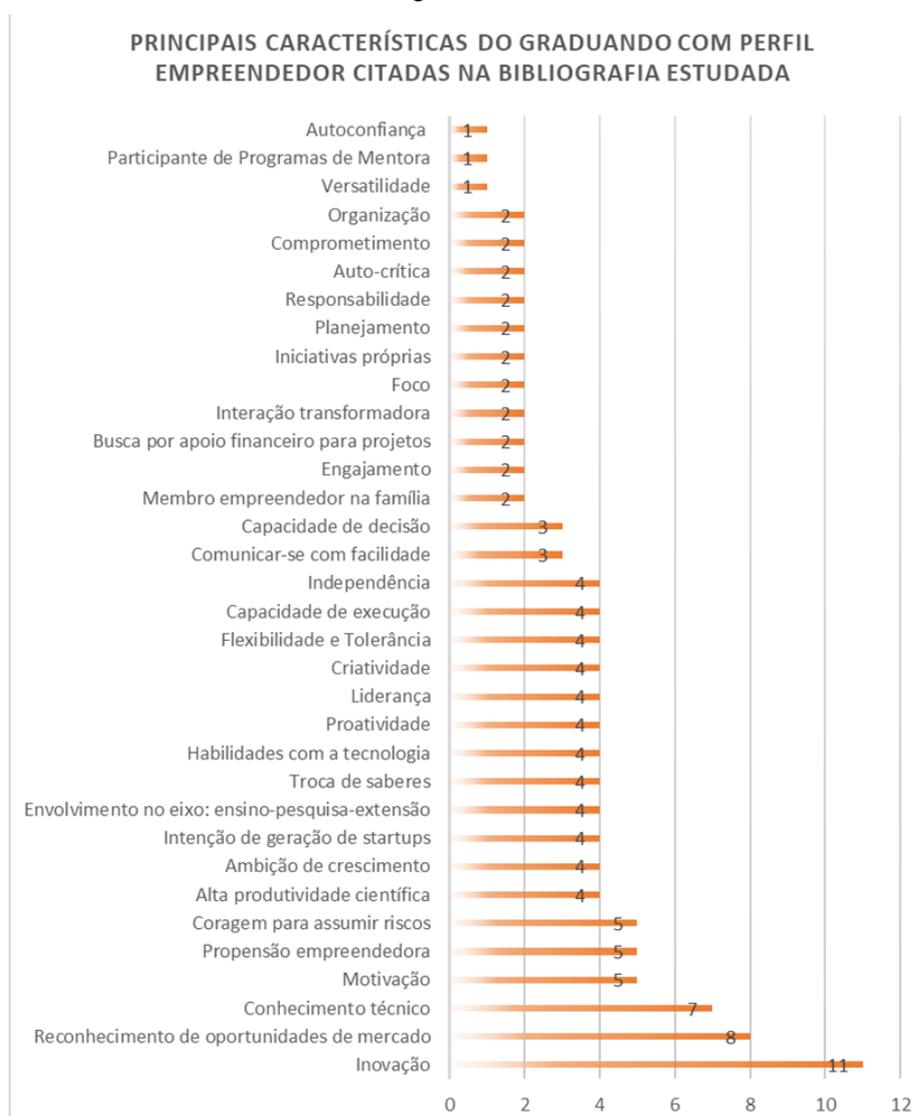
Para os autores 1, 4, 11 e 12 a *pré-startup* caracteriza-se pela ideação e concepção, definindo equipe, capacidades, missão, visão, estratégia e proposta de valor. A *startup* determina o compromisso dos criadores no desenvol-

vimento de produtos/serviços (mínimo produto viável), fatores-chave de sucesso, interação com o mercado na busca do crescimento. O crescimento procura a escalabilidade de forma rápida e crescente para as empresas continuarem se expandindo. (CAMPOS; SOUZA; FREIRE, 2017)

Principais características do graduando com perfil empreendedor citadas na bibliografia estudada

Visando contribuir com a apreciação da temática estudada e com a apresentação dos resultados encontrados, segue representação gráfica das principais características do graduando com perfil empreendedor citadas nas referências selecionadas.

Gráfico 1 - Principais características do perfil do graduando empreendedor citadas na bibliografia estudada



Fonte: Os Autores (2021)

Considerações finais

Com base na análise das concepções dos autores estudados, entendemos que a característica mais incidente foi “Inovação” a segunda característica mais incidente foi “Reconhecimento de oportunidade de mercado”, desta forma cabe ressaltar que tais características podem ser desenvolvidas e fomentadas pelo processo formativo, como já enfatizado, empreender é uma capacidade de um indivíduo em assumir dados riscos criando oportunidades e conseqüentemente criar riqueza.

Podemos ver que os vencedores por meio do empreendedorismo do mercado mundial são aqueles que podem obter respostas precisas em suas análises, conduzindo-os a inovação de produtos e recursos, para gerir, para coordenar e redefinir com eficácia as necessidades, sendo estas internas ou externas.

Desta forma podemos aqui ressaltar, que as parcerias em prol da inovação devem ocorrer nas interfaces de produtividade e quando essas parcerias e cooperação entre universidades, governo e indústrias acontecem, surge a dinâmica de interação entre os sistemas fomentando a inovação.

Nos questionamos se a trajetória acadêmica conduz os estudantes a serem ou pensarem com empreendedores, como inovadores assim como acontece em outros países a frente no que tange o ensino e pesquisa. Há indícios de que as universidades brasileiras poderiam criar oportunidades para os potenciais graduandos empreendedores e, proporcionar maior contato com a realidade empreendedora e a gama de possibilidades existentes.

Ao nível da relação com o trabalho, os jovens empresários são aqui descritos que se destacam pelo interesse em liderança, em como, pelo bom *networking* profissional, ao olharmos para o nosso país, grande parte dos jovens empreendedores brasileiros buscam de novas oportunidades de carreira e inovação, mesmo como boas colocações de trabalho, dando ênfase na inquietude da busca ao “novo”, na busca “a inovação” na imagem do jovem empreendedor. Com esta pesquisa podemos apreciar as principais características reconhecidas pelos autores aqui estudados, atributos estes, que certamente compõem o espírito inovador capaz de empreender, de assumir os ris-

cos calculados e gerar riquezas. O presente estudo sugere que novas análises sejam realizadas levando em consideração o dinamismo de possíveis mudanças no fomento a inovação.

Referências

AGUIAR, F. F., *et al.* **Um modelo de conhecimento para empreendimentos criados por egressos de universidades brasileiras.** [s.l.]: [s.n.], 2018.

CAMPOS, J. G. C., *et al.* **Compartilhamento do conhecimento em university coworking spaces: modelo, ações e contribuições para o desenvolvimento de startups – ciclo 2015 do laboratório de inovação e empreendedorismo da universidade do sul de Santa Catarina - iLAB-UNISUL.** Criciúma: EDIUNESC, 2017.

KRAKAUER, P. V. C; KRAKAUER, E; CODA, R. Ensino de empreendedorismo: discussão de espaços e proposta de ecossistema. **South American Development Society Journal**, v. 5, n. 15, p. 293, 2020.

CRISTÓFOLI, A., *et al.* **Faces do empreendedorismo inovador.** [s.n.]: Senai; Pr-Inova, 2008.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Jovens Empresários Empreendedores: Valores, crenças e relação com o trabalho.** Rio de Janeiro: Sistema Firjan; 2016.

GUIMARÃES, A. R. F. **Universidade e empreendedorismo: estudo baseado nos esforços promovidos pela Universidade de Brasília.** [s.l.]: [s.n.], 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

LAURIKAINEN, M., *et al.* Educação em empreendedorismo: o que podemos aprender dos exemplos brasileiros e finlandeses? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. especial.1, p. 337–358, 2018.

LUCENA, W. R. **Levantamento da infraestrutura laboratorial de pesquisas científicas ligadas à biotecnologia da Universidade Federal do Ceará com vistas à interação academia-empresa.** [s.l.]: [s.n.], 2019.

MALHEIROS, R. C. C., *et al.* **Viagem ao mundo do empreendedorismo.** Curitiba: IEA, 2005.

MILLER, A.; MELHADO, J. P. **Empreendedorismo nas universidades brasileiras.** São Paulo: Endeavor Brasil, 2016.

REIS, D. L. S., *et al.* **Promoção do empreendedorismo social e dos negócios de impacto social: uma contribuição para extensão universitária.** [s.l.]: [s.n.], 2019.

SOUZA, P. M. T. G. **A prática da formação de uma cultura acadêmica empreendedora: aprendizados acumulados a partir da experiência de um instituto nacional de ciência e tecnologia.** [s.l.]: [s.n.], 2019.

SOUZA, R. S., *et al.* Ampliando a mensuração da intenção empreendedora. **R Adm. FACES Journal**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 74-93, 2018.